

Yola LEVINE
39 Rue Basse
84380 MAZAN
FRANCE

Vienne le 4 juillet 2006

à Monsieur le Ministre
de la Culture du Brésil
l'artiste émérite Gilberto Gil
au Festival de Jazz à Vienne

Monsieur,

Je suis venue écouter votre concert et avec tout l'enthousiasme que je porte à votre art, à vos créations j'ai voulu vous féliciter et vous demander votre appui.

J'ai écrit un texte :
" Les rencontres de Wilson TIBÉRIO, peintre et sculpteur afro-Brazilien"
J'ai été la compagne de W. TIBÉRIO qui a vécu en France de 1947 à 2005.

Monsieur Oliveira Silveira, professeur de littérature Portugaise et Brésilienne à Porto Alegre a traduit mon texte et il veut le publier à Porto Alegre.

Vous êtes venu à Porto Alegre pendant la semaine de "Consciência Negra" je crois en 2004.

Le professeur Oliveira Silveira vous a rencontré et m'a même envoyé une photo où vous étiez ensemble.

Il pourrait vous envoyer la traduction de mon texte, pour lequel vous nous feriez l'honneur d'écrire une phrase de présentation.

Le professeur Oliveira Silveira est un militant des organisations culturelles négres au Brésil, et notamment de la Fondation "PALMARES".

Je vous remercie infiniment de l'aide que vous pourriez nous apporter.

Respectueusement à vous,

Yola Levine

ARTISTA NEGRO, GAÚCHO

Wilson Tibério nasceu na capital gaúcha, juntamente com os nove irmãos, dentre eles o aposentado da CEF, Manoel Alceri Tibério, no centro da cidade, perto do Gasômetro. Era apaixonado pela pintura. Para realizar seu sonho, saiu de casa, deixando um bilhete, dizendo que saía para se tornar pintor.

No Instituto de Belas Artes, no Rio de Janeiro, passou a aprender a técnica, já que talento não lhe faltava. Quando expôs as obras, o adido cultural da França visitou a exposição e se encantou com o trabalho do artista gaúcho. ofereceu-lhe uma bolsa de estudo de pintura e afrescos em Paris.

“Apaixonado pelas artes, não hesitei em aceitar a oferta”, diz Tibério, recordando o quanto isto valeu.

Nos primeiros anos, sentia-se muito feliz, longe da infância reprimida e da opressão da ditadura de Vargas. No entanto, terminados os estudos, teve dificuldades, conhecendo miséria e fome. Então, partiu para a luta da sobrevivência, vendendo e trocando desenhos, fazendo retratos por encomenda.

Artista negro, Tibério sempre se preocupou em focar o negro em suas obras.

Visitou diversos países, inclusive alguns da Ásia e a África. Neste último continente, foi onde ficou mais encantado, aprimorando-se na cultura e crença do povo africano. “No Brasil, eu era apenas um negro. Fora, sou um homem, um cidadão brasileiro, respeitado por todos”, declara, num tom de queixa.

Assim, foi rodando o mundo, mostrando seu trabalho, sua arte. No entanto, na terra natal ainda é um desconhecido.

Atualmente, existe um quadro na sala Iberê Camargo, no Museu de Artes do Rio Grande do Sul.

Somente agora, após uma separação de mais de 55 anos, por diversas circunstâncias, entra em



contato com o único irmão que lhe resta, que está se empenhando para que seu nome possa ser reconhecido na terra de origem. Para isto, está sendo tratada a possibilidade de uma exposição em Porto Alegre, o que conta com o apoio do Ministério da Cultura.

Com essa expectativa, Tibério desabafa: “Será muito interessante ler o que a crítica dirá a meu respeito”.

Quem tiver ou souber de alguma obra do artista, poderá entrar em contato através do telefone (51) 224-1828, com Manoel Tibério, ou pelo e-mail: tiba@conex.com.br

Expõe em Paris Tibério, Pintor Negro Brasileiro

Oito anos de luta na grande capital européia — Um artista que pouco a pouco vence o anonimato e que vive exclusivamente de sua arte

PARIS — Dezembro — (Via Panair) — Tibério expõe seus últimos trabalhos numa galeria nova da Avenue Mozart, no quarteirão mais rico de Paris. Quando ali chego, encontro o salão repleto de brasileiros, na maioria diplomatas que, patrioticamente, foram prestigiar com a sua presença o esforço do pintor negro gaúcho. Mas também se percebe a figura venerável do ex-Presidente da República Francesa, Albert Sarraut, que, demoradamente, examina a arte por vâzes agressiva de Tibério. Como um amador entendido, que pensará o Presidente de tal pintura? Sua resposta é uma hábil dissertação que nada define, mas que deixa a Tibério um crédito amplo e, por isso mesmo, angustioso:

— Todas as grandes obras têm acesso difícil. Quem as julga cômodas, é porque não lhes sabe penebrar o coração. Muitas obras-primas francesas, de Rameau a Molière e Poussin, defendem sua profundidade com uma limpidez aparentemente fácil. De tal modo que se pode duvidar que elas encerrem algum segredo. Julga-se tocar-lhes o fundo em seguida. Mas volta-se dez anos



mais tarde e penetra-se mais fundo nelas... É pela mesma razão que a língua francesa parece, inicialmente, infantil e fácil de aprender. Pouco a pouco, à medida que a conhecemos melhor, ela se torna cada vez mais difícil...

Aventura Africana

Fácil, na aparência, é a pintura de Tibério, um artesão desprovido de intelectualismo, mas cuja alma borbulha mistérios e cuja constância no trabalho chega a ser milagrosa. Se ele pinta a cabeça de uma moça, o modelo exclama, ao ver o quadro: — Sou eu... Mas é engraçado... Sou eu, completamente outra, com outra forma e com uma expressão que me explica a mim mesma.

Se ele retrata três cegos africanos, sua composição é límpida e sua técnica sumária, mas tão impressionantes quanto as do *Juizo Universal*, de Michel Angelo, cujas figuras oferecem um desenho anatómico e trabalhado como renda de bilro.

— Pintura não se explica — costuma dizer Tibério. — As palavras nada têm a ver com o pincel. As palavras falsificam tudo. O pincel, não. Quando eu pinto, meu cérebro é apenas um instrumento do coração...

Pois Tibério é, antes de tudo, um apaixonado, um impulsivo como todo gaúcho de boa cêpa. Nasceu no pampa, rústico como uma guanxuma e não há Paris que o modifique. Otto anos atrás, quando ele chegou às margens do Sena, trazia uma "bolsa de estudos" que lhe rendia apenas 18 000 francos mensais. Um ano depois, quando a "bolsa" acabou, Tibério ganhou uma viagem à África Equatorial Francesa, onde quis entrar em contato com os seus "irmãos de raça".

— Embarafustei-me nas grandes plantações dos arredores de Dacar e fiquei chocado com o regime de escravidão ali existente. Uma tarde, enquanto pintava os trabalhadores de uma pedreira (centenas de negros carregando pedras na cabeça), vi um capataz branco açoitá-los para ativá-los. Larguei a palheta e apliquei uma surra violenta no capataz, sem qualquer discussão... Uma semana mais tarde, o comissário francês expulso-me do território como agitador e elemento subversivo...

"A Arte Vem Tôda do Prêto"

Voltando a Paris, Tibério isolou-se num "lar" de estudantes localizado na Rue Blondel, uma das ruas mais tenebrosas do quarteirão denominado "Porte Saint Martin". Ali fui visitá-lo uma noite, com uma curiosidade mal disfarçada. Tibério habitava um quarto que lembrava um galpão de peças de estância gaúcha. Só faltava o fogo no meio do soalho. Mas por toda parte havia telas pintadas na África. Nenhum livro nas estantes, que, no entanto, guardavam belas estatuetas africanas.

— Não preciso ir ao Louvre, nem olhar Picasso, — dizia Tibério. — Tôda a arte do mundo vem do prêto. O resto é literatura...

Naqueles dias, Saint Germain des Prés estava no auge da febre existencialista. Tibério fazia voltas em Paris para não se aproximar do Café de Flore.

— São uns idiotas, uns vagabundos! — exclamava.

E, quando alguém lhe falava em "escolas" de pintura, ele franzia o enorme nariz, rindo como um trombone:

— Não há escolas. Há bons e maus pintores. O resto é fantasia!

É, quando vende, acha que faz um favor ao comprador. Com ele, o freguês nunca tem razão. Seja como for, Wilson Tibério apresenta uma originalidade: ele é o único brasileiro que vive em Paris sem receber um só vintém do Brasil. Sua atual exposição numa galeria "grá-fina" é o fruto de oito anos de trabalho duro.

— Já tenho os meus assinantes, — diz ele. — "Agora, basta colhê-los aqui e ali. Mas se sobrar algum dinheiro, pretendo ir ao Brasil no ano que vem. Irei a passeio, mas aproveitarei para pintar umas aquarelas ao sol. Na Côte D'Azur, tenho uma clientela que reclama isso para as residências de verão. A pintura de Paris é escura e nebulosa como a própria cidade. Talvez venha daí o seu mistério..."

Casado com uma moça francesa, de origem espanhola, Tibério possui uma filhinha parisiense de dois anos.

— São coisas que acontecem — diz ele —, "mesmo a um brasileiro".

O GLOBO

QUARTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1955

1953

Paço ressurge como espaço cultural

No rastro da reforma, o prédio da prefeitura brindará seus visitantes com pinacotecas e outras atrações

Mônica Koch

A devolução do Paço dos Açorianos restaurado à população porto-alegrense, prevista para o início de junho, permitirá não só o retorno do prédio à antiga sede do governo como também o acesso a um novo espaço cultural. Os visitantes poderão conhecer a história do prédio de 4.275 metros quadrados construído entre 1898 e 1901, na administração José Montauray, para ser a sede da Intendência Municipal. O paço abrigará permanentemente, no térreo, a pinacoteca Ruben Berta, e, provisoriamente, a Aldo Locatelli. No

mesmo pavimento, funcionará um auditório com capacidade para 150 pessoas e a Galeria dos Ex-prefeitos, incluindo informações informatizadas relativas a todos os administradores da Capital.

De acordo com a secretária adjunta da Cultura e coordenadora do projeto de restauração, arquiteta Doris de Oliveira, o investimento de cerca de R\$ 2,5 milhões com recursos do município resultou na recuperação de um local histórico. Sede do Governo Municipal desde 1901, o prédio foi tombado em 1979 pelo município, tendo os primeiros estudos de recuperação, no final de 1994,

integrados ao Programa de Revitalização do Centro. Todo o cuidado foi pouco para que a construção em estilo eclético retomasse todo o seu esplendor. Para a recuperação do

assolho do Salão Nobre, no 1º andar, por exemplo, todas as peças do parquê, que formam desenhos em mosaico, só foram retiradas depois de numeradas e cadastradas. Ao final da reforma, retornaram à antiga posição. Um pedaço de argamassa com a cor original facilitou a escolha do tom adequado à pintura externa do prédio.

Os gabinetes do prefeito e do vice-prefeito voltarão a funcionar no segundo andar, com suas assessorias e salas de reunião. O piso superior abriga também o Salão Nobre e o terraço, que conterá esculturas. No portão, ficarão dois espaços museográficos, para futuros acervos, e os memoriais do paço, contando a história do local e da cidadania. O cofre original e a cadeia, localizada no portão, são outros atrativos do prédio, agora adaptado para receber pessoas portadoras de deficiência. Rampas e elevadores permitem acesso aos ambientes. "O paço ficou moderno em termos de infra-estrutura e recuperou a sua feição original", observou o secretário municipal de Obras e Viação, Guilherme Barbosa.

CP deu destaque à mudança

Em 19 de maio de 1901, o *Correio do Povo*, no seu sétimo ano de existência, informava, na capa, que a Intendência havia se mudado, no dia 15, para o palácio especialmente construído para sediar a administração municipal, na Praça 15 de Novembro. Com o título "Palácio da Intendência", o texto publicado foi um relato rico em detalhes



Fotografia histórica de Virgílio Callegari, nos primórdios do Palácio da Intendência

Wilson TIBERIO devaít expôser
 une retrospective de son œuvre dans
 la salle du Paço municipal de P.A. (R.S.)
 mais l'organisation matérielle
 a été longue et difficile et
 il est décidé avant
 la réalisation de ce
 projet, en 2005.

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CP

CORREIO DO POVO

EXPERIMENTEM - Constantino

De retour de Casamance, les peintres TIBERIO et SEKOTO préparent l'exposition "Sénégal 67"

C'est dans leur atelier au domicile de M^{lle} Lat Senghor que j'ai trouvé les peintres Tiberio et Sekoto. Depuis le festival, les deux artistes « envoûtés » par le paysage des régions sénégalaises sont restés, cherchant à mieux connaître les hommes et les choses, à naître comme ils le disent dans chaque paysage. Mais ce séjour au Sénégal, « terre des Lettres et des Arts » ne passe pas sans des difficultés inhérentes à leur condition d'artistes. Qu'on-ils découvrent en Casamance ? Telles est la question essentielle ?

« Il faut d'abord dire comment nous nous sommes rendus en Casamance. C'est grâce au Président Senghor. Le Chef de l'Etat du Sénégal nous a permis de vivre deux mois merveilleux et riches d'enseignements en Casamance. Dans tous les villages, nous avons été très gentils avec nous. Le gouverneur, les préfets, qui nous ont accordé une grande bienveillance. Ces préfets ont été très « africains » dans leur comportement avec nous qui venions de l'Afrique du Sud et du Brésil. Nous voulons souligner par là que nous nous sommes vite retrouvés entre Africains, ce qui est très important. Bien sûr nous avons eu à parler avec eux des nègres du Brésil et de ceux de la Casamance.

Je suis chez moi en Casamance

« Je me suis senti chez moi en Casamance. Le même paysage qu'au Brésil. La même exubérance, la même gentillesse et ce mépris du protocole dans les relations humaines. La Casamance

me m'a lavé d'un certain comportement bourgeois dakarais. Car on se demande qui imiterait les nègres de Dakar ? Pour un artiste, le contact est très difficile, tout étant superficiel. Il nous a fallu sortir de Dakar, aller à la rencontre des Sénégalais réels, ceux qui sont encore « semblables » à eux-mêmes, qui ne trichent pas. Nous, nous ne sommes pas méchants. Nous disons simplement ce que tout le monde dit tous les jours. Regardez autour de nous à Dakar !

Un voyage magnifique

« Le voyage a été magnifique. Notre chauffeur et ami, a été un excellent compagnon de route et un bon guide. Bien sûr, on ne conduit pas des artistes sans souffrir de leur humeur ou de leur caprice. Nous sommes allés en Casamance pour retrouver des signes et leur signification. A Paris, en Europe, nous vivions avec nos thèmes. Mais leurs « signes », leurs couleurs, leurs volumes, leur dynamisme, nous ne pouvions les trouver qu'en Casamance, au Sénégal, en Afrique. C'est ainsi qu'à Oussouyes dans ce village tranquille, nous avons été frappés par différentes choses. Nous avons vu les diables travailler dans les rizières ; nous les avons vu danser. Nous les avons vu entrer l'un des leurs. Nous avons à Oussouyes remuer avec la terre. En Europe, cet amour de la terre nous était passé. Aussi nos yeux en comme pris un certain bain mystique.

En effet nous avons enfoncé nos jambes dans la boue des rizières ; nous avons découvert une certaine joie silencieuse à l'approche des hommes. Les enfants nous ont serré la main sans nous la tendre, tout cela était réconfortant. Et là, en Casamance, la grandiose existe encore. On se sent si près de l'homme et des Dieux... Dans les villes, les distances existent... Dans la campagne casamançaise, on se sent chaque instant comme soulevé... Nous avons peiné. Nous aurions peint toute l'année, en l'absence, les regards, les gestes, les heures sont comme des étagères, chaque chose de plus grand qui enveloppe encore les humains. C'est tout un art de vivre qui nous a été révélé. Un humanisme dont nous avons été témoins.

« Et il y a les langues casamançaises. Le Diola, le Mandingue. Des langues très poétiques. Nous avons aussi remarqué que le catholicisme n'a pas tellement dépersonnalisé les Casamançais. Cela tient encore aux structures mentales des hommes. Le travail, est leur religion première. Le courage leur vertu. D'Oussouyes à Yellagars, ce fut un enchantement continu, un déluge de volumes de rouleaux, des diots humains en harmonie avec



Nos paysannes au travail, une excellente étude du mouvement.

le paysage. Nous avons une mollesse d'esquisses, d'études, de gouaches...

Sénégal 67

« Nous préparons une exposition qui se tiendra à Dakar et dans les autres villes un an après le Festival. C'est la vie est-dire, à Dakar, mais cette exposition, nous y tenons... Ce sera notre manière, à nous de dire merci, merci aux Sénégalais, à ceux aussi que nous connaissons depuis les années 45 en France, au Chef de l'Etat. Il nous faudra trois ou quatre mois pour préparer cette exposition. Nous aurons tiré une leçon du Festival des Arts Nègres.

Un atelier de sculpture à Oussouyes

« Je voudrais bien créer un atelier de sculpture à Oussouyes. Un atelier privé. La terre à Oussouyes est très bonne et l'environnement humain est un ex-

cellent. Depuis vingt ans, j'ai été absent de l'Afrique. Ce contact avec la Casamance m'a fait sentir que j'ai retrouvé quelque chose qui est moi », ajoute Sekoto.

Cinq toiles à l'Etat Sénégalais

« Le Ministère des Affaires Culturelles nous a acheté cinq toiles pour l'Etat Sénégalais. Nos premières toiles sont accrochées au restaurant « Victoria » place Kermel. Nous tenons également à dire que parmi les personnes qui nous ont aidés, nous devons citer M. Lechevalier du Centre Culturel Français. Nous avons dit que l'exposition « Sénégal 67 » aura lieu dans 5 ou 6 mois, car le Sénégal à cause de sa diversité / demeure un pays charmant, une terre toujours disponible, et l'interviewer reconnaît par Abdel Aziz A.A.



Une jolie sculpture, des lignes bien conçues.



TIBERIO

B

01.02

(A) "Palomitas"

Exposition de Lille 2002



TIBERIO. - Tête d'un
jeune homme
de Côte d'Ivoire
Exposition de Lille 2002
(bronze)



TIBÉRIO Wilson

B

0102

(27)

Exposition de Lille 2002

Yola devant le tableau Palomiras



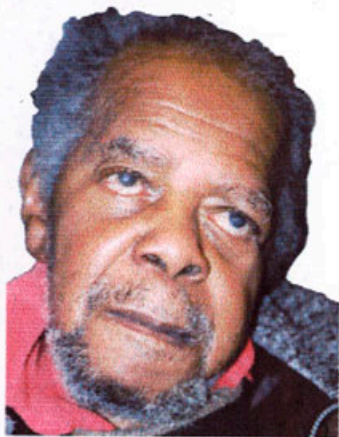
TIBERIO

TIBÉRIO

"les Trois Grâces"

exposition de Lille

en 2002.



Wilson TIBERIO 1916-2005

Peintre Brésilien

né à Porto Alegre (R.S.) et

décédé en France à Mazan



Wilson TIBERIO et Yola en 1962
à Venise avec des peintres italiens



Wilson TIBÉRIO

Autoportrait de jeunesse

Porto Alegre 1946?